

A VOLTA POR CIMA

Wanderluce Pessoa Bison *

Enfocando o processo migratório sob a perspectiva das implicações decorrentes para os sujeitos nele envolvidos, este artigo aborda um grupo de mulheres que transita entre o Vale do Jequitinhonha-MG e a cidade de São Paulo¹. Olhar os migrantes sob tal prisma tem conformado uma espécie de lugar central. Os estudos enfatizam, com frequência, as rupturas culturais, as transformações na bagagem política, enfim, os múltiplos impactos que o processo de confronto com universos diversos pode trazer para eles. Partindo desta temática geral, objetivamos pontuar algumas particularidades concernentes ao grupo reportado, chamando a atenção para aspectos que têm sido, até então, pouco explorados pelos pesquisadores.

Retornar ao lugar de onde saiu temporária ou definitivamente, costuma colocar o migrante frente a situações inesperadas. As mudanças que o tempo opera tiram a possibilidade de reconstituição original de fatos e coisas às quais ele, naturalmente, esperava encontrar (Martins, 1988a: 45-46). É bom lembrar, ademais, que as imagens do mundo que ficou para trás, evocadas por quem se encontra distante, mesclam, com o sonho, a realidade. A operação de lembrar o passado mobiliza toda a nossa experiência presente. Quando o migrante pensa sobre o seu mundo o faz, então, a partir dos referenciais que possui no momento à sua disposição². E como ele já é uma outra pessoa, o mundo que suas lembranças recria não coincide com aquele

que ele encontra ao regressar. Essa história já foi mil vezes contada (Halbwachs, 1990).

Acompanho, há cerca de oito anos, o grupo de mulheres ao qual nos reportaremos³. Na maioria solteiras, elas migraram sozinhas, isto é, suas famílias permanecem no Vale do Jequitinhonha, para onde, esporadicamente, empreendem viagens de retorno, seja para uma visita breve, seja passar as férias.

Essas contínuas voltas colocam-nas em contato direto com o seu universo originário de relações, do qual, a bem da verdade, não se dissociaram inteiramente. Parte do salário que recebem em São Paulo é remetido para o Vale do Jequitinhonha, ajudando na manutenção das famílias. Roupas, sapatos, utensílios domésticos etc, enviados por encomenda ou levados na bagagem quando retornam, significam uma contribuição importante, permitindo, inclusive, que nem todas as mulheres de uma mesma família necessitem migrar, conforme referenciarão-me reiteradas vezes.

Nestes retornos periódicos que realizam, elas se defrontam com problemas cujos determinantes são estreitamente vinculados ao fato simples de serem mulheres. Em torno deste dado que matiza o processo migratório em questão, concentraremos as reflexões a seguir.

UM POUCO DE SUAS HISTÓRIAS

Deixar o Vale do Jequitinhonha, mais do que isto, passar a viver distante da

família, trouxe para essas mulheres inúmeras implicações. Objetivando dimensionar as conseqüências que tal processo lhes acarretou, procuraremos delinear como viviam antes e como, em certo sentido, vivem ainda as mulheres no Vale do Jequitinhonha.

Os relatos de suas histórias, registrados ao longo dos anos que as acompanhei, estampam uma infância sem muitos prazeres. O trabalho pesado, na roça; a figura autoritária do pai; o não acesso a direitos elementares como o de ir à escola por exemplo, compõem o acervo básico de suas lembranças. Apesar disso a infância evoca, também, alguma doçura. Elas se recordam das festas na cidade e dos preparativos antecedentes. Das "quitandas" preparadas pela mãe; das viagens, acompanhadas pelos vizinhos; das roupas novas, compradas com sacrifício. Acompanhamos os depoimentos:

"Lá no Jequitinhonha, trabalhar, no meu caso eu sofri muito por causa do meu pai. Eu só sofri. Trabalhava o dia inteiro na enxada. Levantava às 6 horas da manhã. Tinha vez que ia até sem tomar café. Daí, mais tarde, mandavam o café e a gente tomava e ia até mais de meio-dia. Depois voltava, almoçava e de novo pra roça. Enquanto o sol tivesse claridade a gente tava na enxada. Quando era final de semana ele - o pai - marcava aquela tarefa imensa pra gente tirar. Se não tirasse entrava no coro (apanhava). Fazia

aquela tarefa porque tinha medo. O meu pai não deixava eu ir pra escola, tinha que trabalhar” (M.G.M.).

(“...”) Meu pai toda vida foi bravo. Eu tenho saudade do tempo de criança, mas ao mesmo tempo não. Pros outros tudo bem, mas pra mim, sei lá, eu era muito maltratada. Meu pai não gostava que eu estudasse. Aos sete anos eu já tinha minha enxadinha. Aos dez anos fazia comida para os camaradas. Às vezes eu não gostava. Nunca gostei de cozinhar. Hoje eu ainda cozinho porque não tem outro jeito, mas gostar eu nunca gostei. Isso tudo antes dos dez anos. Fazia comida pros camaradas, fazia tudo em casa e tinha ainda que levar comida na roça. Meu pai nunca deixou de ser bravo. É de geração. Meu avô também era assim. Minha mãe era brava na hora certa. Quem devia ser brava era a mamãe, porque era de geração de índio...” (M.L.M.).

“Quem criou a mim e meus irmãos foi a minha mãe, com muita dificuldade. A gente tinha que trabalhar na roça, mexer com muita dificuldade porque ela não tinha nem um burrinho. Eu com seis anos tinha que trabalhar na roça com os meus irmãos e ainda cozinhar pra camarada. Tinha vez que tinha dez, quinze pessoas pra trabalhar e eu tinha que mexer no fogão pra fazer a comida pra minha mãe ajudar na roça. Era pesada a vida, foi muito pesado, como de fato até hoje. Só que agora, comparando com o que eu vivi quando era pequena, eu estou rica. Eu também fiava algodão. Minha mãe tecia muito, a gente tinha que ficar mais ela na urdideira urdindo, ajudava a enfiar a linha, pôr no tear, encher canela pra tecer. Ela tecia muito pra fora pra ganhar dinheiro e comprar as outras coisas que a gente não colhia. Com isso a gente vivia, sempre com muita dificuldade” (M.A.).

“Eu fico com vontade de voltar, sabia? Quando é época de festa, que saudade! Que vontade de tá lá! Eu queria que lá mudasse. Tivesse emprego, valôr. O que eu queria mesmo é voltar para a minha terra, pra minha

gente” (M.G.M.).

“Olha, a mulher lá no Jequitinhonha vive sozinha. Os homens ficam pra lá, pra cá. Mais pra cá do que pra lá. E quando tá lá ainda bebe uns golinhos de pinga. Quando a gente apanha a dor passa e o sentimento fica. O meu pai só soube xingar. Nunca soube conversar. Sempre naquele tom alto. Até uma faca que a gente deixava perder, sumir uma ferramenta, já tinha que apanhar. Tava trabalhando na roça, se cortasse um pé de milho que a gente não via era uma cabada de enxada na cabeça. Eu levei uma cabada de enxada na cabeça. Por isso que eu fico com mais raiva dele!” (M.G.M.).

“Tem hora que eu fico pensando... Mas tinha as coisas boas, as festas, a Semana Santa. Todo mundo ia da roça para a cidade. Fazia quitanda pra levar. Ia pro comércio assistir a festas. As ruas ficavam lotadas. Agora não é igual. Tem o resto, mas não é igual não. Tem hora que eu sinto saudades do que passou. É como uma pessoa que morreu. Não volta nunca mais...” (M.G.).

“No Jequitinhonha morrer de fome não morre, mas outras coisas, vestir... Ainda mais moça, quer ter as coisas dela, tudo isso. E lá não tem condições de jeito nenhum. Quando eu morava lá eu trabalhava um mês para comprar um pano. A gente nunca comprava roupa completa. No outro mês pagava a costureira. Ai faltava o sapato”. (M.G.M.)

As Mulheres no Vale do Jequitinhonha

Por serem precárias as condições de vida, e como é comum em áreas de produção camponesa, todos os membros da família, inclusive mulheres e crianças, realizam atividades ligadas ao cultivo da terra. Plantar, capinar e colher formam a rotina cumprida durante o ciclo agrícola, quando tudo transcorre normalmente.

As mulheres, além destes trabalhos, se ocupam do preparo da comida, da limpeza da casa e de tantas outras obrigações que

fazem parte das tarefas domésticas.

Este conjunto de atividades não tem garantido, entretanto, o sustento da família. Há vários anos a migração temporária, sobretudo dos homens, tem sido utilizada como estratégia complementar.

Descrito desta maneira, há uma relativa naturalidade na sucessão de fatos. Ouvindo as mulheres, contudo, pode-se constatar que a realidade em que vivem lhes é amplamente desfavorável. E não apenas porque o afastamento periódico dos homens lhes imputa um acréscimo de trabalho e tantas outras dificuldades. Seus relatos informam que, no arranjo de poderes que compõe a tessitura social, prevalece o domínio dos homens, estabelecendo uma forte submissão das mulheres, em alguns casos, inclusive, por meio da violência física.

Em linhas muito gerais é este o contexto que, ao migrar, as mulheres em apreço “deixaram para trás”.

A Vida em São Paulo

Como empregadas domésticas, as mulheres que migram moram nos locais em que trabalham, de onde saem, praticamente, somente nos finais de semana. Este tempo é aproveitado para o reencontro com outros migrantes provenientes do Vale do Jequitinhonha. Logo que chegam a São Paulo elas se informam sobre os locais onde podem encontrar seus conhecidos e, em muitos casos, algum parente. Dentre esses locais estão o Parque do Ibirapuera, freqüentado aos domingos; as proximidades das Estação da Luz; o Terminal Rodoviário Tietê, onde há sempre alguém chegando ou partindo para o Vale do Jequitinhonha, e muitos outros espaços de lazer. O distanciamento geográfico não provoca, portanto, uma ruptura completa. Elas continuam vinculadas a seu mundo.

Aquelas que têm filhos costumam levá-los para o Vale do Jequitinhonha, deixando-os sob o cuidado de parentes, o que constitui, para os mesmos, garantia certa do recebimento de ajuda no final do mês. Outras optam por deixá-los em São Paulo, com pessoas conhecidas. Elas remuneram este trabalho e se encontram com os filhos apenas nos finais de semana. Isso acontece, inclusive, com as casadas.

Apesar de viverem uma realidade difícil, a ida para São Paulo é encarada positivamente. Este dado é relevante porque os estudos, freqüentemente, enfatizam a desagregação da família como conseqüência negativa da migração⁴. No caso em questão, o afastamento do universo familiar significou a possibilidade de rompimento com relações opressivas, conforme elas próprias enfatizam:

“Quando eu morava na casa do meu pai ele era bem diferente. Me obrigava a ir pra a roça em vez de estudar. Bastava me olhar e eu já sabia o que ele queria. Hoje quando eu chego lá é aquela emoção, tá todo mundo me esperando, eu sou tratada como uma visita. Eu agora sou uma pessoa independente, eu dei a volta por cima”.

O ESPECTRO DE IMAGENS NEGATIVAS

Conforme pode-se depreender, a migração significou, para estas mulheres, um canal emancipador importante. Entretanto, ela não as livra inteiramente da submissão que, desde cedo, acompanha suas trajetórias. Elas são empregadas domésticas, moram nas casas das patroas, e sabemos o que isto significa em uma sociedade como a brasileira. A convivência cotidiana, porém, com formas de organização social que, inegavelmente, têm que levar em conta conquistas femininas, faz com que elas, antes “determinadas” a serem filhas ou esposas submissas, sejam impregnadas por novas visões de mundo.

Se, por um lado, tal processo lhes esboça a possibilidade de virtuais conquistas, por outro, o espectro de imagens negativas que emerge no Vale do Jequitinhonha, estampa, uma vez mais, sua condição de desigualdade. Vejamos os depoimentos:

“Tem muito preconceito com as moças que saem. Quando a gente chega lá eles falam com a gente: olha, se você tivesse aqui já tinha casado. Pra casar os rapazes preferem as moças que estão lá, que nunca saiu pra fora. Eu acho que eles preferem é uma esposa

pra eles dominar. Quem vem embora sabe mais das coisas; não vai querer aceitar; se o homem fala: - ‘senta aí’, não vai querer sentar. Agora as de lá não, elas morrem de medo. Quem saiu não está mais nas rédeas deles”. (M.F.S.)

“Com esse negócio da crise tá muito difícil. Antes era só os homens que saíam, hoje é todo mundo. Os homens lá do Jequitinhonha têm um defeito: são muito machistas. Casam e as mulheres sofrem muito. Os homens não cuidam da família. Casa e depois que tem dois, três filhos larga a mulher na mão. Agora mesmo tem duas, três famílias, perto da minha casa, abandonadas. A mulher lá não tem liberdade. Ela quer casar não sei por quê. Só sabe trabalhar e criar menino, dentro de casa, não pode sair. (...) Quem sai da minha terra pra cá não vale mais nada na boca do povo. Eles falam da pessoa por fora, na frente não têm coragem de falar nada...”. (M.A.)

“A solução dos pais lá de Minas para as filhas é casar. Vai empurrando no primeiro que chega. Lá em casa são sete mulheres, só uma casada. Então, fica sempre falando, querendo obrigar. O quê? Ninguém é obrigado a viver com quem não gosta. O casamento lá é igual um negócio pro pai ficar livre da filha. Quando eu estava lá eu queria casar para ter um marido. Hoje eu penso diferente. Agora, se eu não tivesse saído pra fora, ia ficar como as de lá, Deus me livre. Aqui é um lugar muito diferente”. (M.G.M.)

“(...) Eles casam mais é com as moças de lá mesmo. Eu acho que quem está lá é mais fácil de não querer sair, vir para cá. Primeiro isso era muito rígido, mas agora está mudando. Pra eles a guarda da gente são os olhos deles. Então pra cá, sem eles enxergar, a gente poder fazer o que quer. Eles acham que a mulher tá no cabresto. Tudo que passa lá eles estão sabendo, e aqui eles não estão vendo nada. É difícil um homem lá que não tenha essa característica de machão. Eles falam: lugar de mulher é dentro de casa. Claro, quando eles chegam o café está coado,

roupa lavada, comida pronta. Em geral eles casam e vêm pra São Paulo. É demais a mulher casar, viver sozinha, capinar roça, fazer tudo, criar os filhos e ainda agüentar imposição. Mas lá é assim. Os homens acham que as mulheres têm o direito de calar quando eles falam”. (M.G.M.)

O ARTIFÍCIO DO ESTIGMA

Estes relatos explicitam que as mulheres migrantes possuem consciência de que é o fato de não mais aceitarem ser submetidas que determina a discriminação. A partir deste dado relevante, adentrando o contexto do Vale do Jequitinhonha, buscamos agregar alguns elementos que ajudem a situar tal problemática em um leque maior de perspectivas.

Como nos informa a literatura e de acordo com o anteriormente reportado, o processo de reprodução do campesinato no Vale do Jequitinhonha tem, na figura da mulher, um dos seus elementos principais (Martins, 1988a). Com a migração temporária dos homens elas assumem, juntamente com as crianças, na unidade de produção familiar de subsistência, o conjunto de atividades que permite a reprodução daquele modo de vida. Se a colheita é muito fraca, se a situação exige, elas também podem migrar, como está acontecendo atualmente. Mas, normalmente, migram as solteiras ou aquelas que, dentro das circunstâncias, não têm empecilhos maiores.

Há dezenas de anos, portanto, os trabalhadores do Vale do Jequitinhonha, os homens de modo particular, acumulam a experiência da migração para locais distantes⁵.

Este afastamento do universo campo-nês e o contato intermitente com contextos diferenciados leva-os a promover uma reconstrução da imagem do seu mundo, a partir de referenciais comparativos, prática esta, aliás, comum entre migrantes.

Nestas trajetórias de idas e voltas eles sedimentaram, ao longo dos anos, uma sólida consciência sobre a importância de poder, a partir das raízes que mantêm assentadas em seu mundo de origem,

intercambiar com outros lugares, por meio da migração. Sem esta alternativa, sabem eles muito bem, estariam fadados a permanecer sob o signo da miséria, (e não é só a miséria da falta de dinheiro). Inversamente, assumir em definitivo a condição de assalariado equivaleria a tomar um caminho sem volta, que os submeteria a um circuito de relações totalmente indesejadas. É porque podem voltar sempre ao ponto de partida, reencontrando-se no reencontro com a família, no mundo que reconhecem como seu, que eles atribuem importância vital a São Paulo. Se tomassem, todavia, a decisão de migrar em definitivo, o montante que viriam a obter com a venda da terra não seria suficiente para arcarem com as despesas da mudança e a aquisição de uma moradia, mesmo modesta. Logo, suas condições reais tornam esta uma decisão temerária, cujas conseqüências não é difícil prever.

É a partir das condições concretas e do arsenal de experiências acumulado ao longo de suas migrações que estes trabalhadores refletem sobre sua situação social. E fazem-no, como pude constatar pessoalmente, estabelecendo paralelos entre os atributos de tranquilidade e segurança associados ao seu universo de pertencimento (a despeito de também ser o lugar do "abandono e da miséria") e a insegurança que a cidade grande pode representar.

A importância que tem, pois, para esses homens, a possibilidade de continuar realizando esta estratégia de vida fornece um fio condutor que ajuda a desvendar facetas apenas delineadas nos relatos das mulheres. Tudo dá a entender que quando o projeto de vida é permanecer no Vale do Jequitinhonha, plantando roça, colhendo, constituindo família e migrando temporariamente sempre que necessário for, é de fundamental importância continuar contando com a anuência da mulher em relação ao modo de vida consolidado. É fundamental que ela continue, inclusive, aceitando as desigualdades evidentes, o que, diga-se, está longe de ser o caso daquelas que passaram pela experiência de viver sozinhas em São Paulo.

Creemos poder afirmar, pois, que a discriminação dirigida às mulheres que migraram tem um sentido pragmático muito forte; que existe uma correlação lógica

entre esta discriminação e a preservação do "Status Quo".

A rigor, as novas formas de ser e de ver o mundo, conquistadas pelas mulheres que migraram, tendem a ameaçar não as relações de dominação apenas (embora seja esta a ameaça primeira). Elas colidem com as aspirações dos homens, cujo projeto de vida é permanecer no Vale do Jequitinhonha, reproduzindo-se enquanto camponeses. O estigma visa funcionar, portanto, como mecanismo demarcador de diferenças: as mulheres que migraram já não podem servir de parâmetro para os padrões segundo os quais a vida transcorre no Vale do Jequitinhonha.

Diante deste quadro de questões, não seria o caso de nos perguntarmos até que ponto elas estariam realmente sendo preteridas, conforme afirmam em seus depoimentos? Podemos perfeitamente entender essa operação em sentido inverso: ao confrontarem os padrões normatizadores das relações entre homens e mulheres, recusando-se a aceitar as condições pré-estabelecidas, não estariam, elas sim, redefinindo as regras do jogo?

Concluindo, lembramos que, de acordo com Erving Goffman o estigma reflete uma linguagem de relações e não de atributos (1988:13). O indivíduo estigmatizado incorpora os padrões que a sociedade estabelece, tendendo a acreditar que realmente possui algum defeito. "Ele acredita que se encontra abaixo do que deveria ser" (idem *ibidem*:16).

Se assim é, então, tudo indica que, uma vez questionando, as mulheres em apreço deslegitimam as razões pelas quais recebem o estigma e a tendência é que ele venha a desaparecer. E quando isto se concretizar elas terão, de fato, realizado a volta por cima.

** Wanderluce Pessoa Bison é Mestre em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo e Membro da Equipe do Serviço Pastoral dos Migrantes.*

NOTAS

1- Sintetizo, neste artigo, algumas idéias desenvolvidas na dissertação de mestrado "A Volta por Cima - Mulheres Migrantes entre o Vale do Jequitinhonha e São Paulo". São Paulo, Departamento de Geografia, USP, 1995.

2 - Sobre o processo de reconstituição da memória do passado, ver, entre outros, BOSI, 1987, p. 17.

3 - Por iniciativa de agentes ligados ao Serviço Pastoral dos Migrantes este grupo se reúne, mensalmente, na cidade de São Paulo. Acompanho-o desde a primeira reunião, ocorrida em novembro de 1987.

Informamos também que, embora utilizemos a expressão Vale do Jequitinhonha, estamos nos referindo às comunidades de Quebra Bateia, Gravatá e Paiol (Município de Chapada do Norte) e Cabeceira do Cansanção (Município de Minas Novas).

4 - Segundo José de Souza MARTINS, a conotação negativa com que a migração freqüentemente é abordada, não leva em conta que, no Brasil, ela cumpre, muitas vezes, o importante papel de desagregar relações sociais arcaicas que representam um peso negativo em qualquer sociedade. Ele cita, entre outros, o exemplo da família, marcada pela herança patriarcalista (Martins, 1990: 2-3).

6 - "Desde pelo menos a última década do séc. XIX, são freqüentes as viagens de trabalhadores do Vale do Jequitinhonha para colher safras em outros lugares. De acordo com LANNA (1989), a substituição dos escravos no café da Zona da Mata Mineira foi possível porque as colheitas passaram a ser feitas pelos trabalhadores temporários vindos do Jequitinhonha. O Jornal 'O Serro' entre 1890 e 1895, fez campanha contra as viagens de lavradores para a colheita da Mata: deixavam os fazendeiros da região, de abril a setembro sem diaristas. FERREIRA (1934) descreve a participação ativa - e temporária - dos trabalhadores do Jequitinhonha para colher café e derrubar matas no Vale do Mucury, nas décadas de 1920 e 1930. A tradição oral do Jequitinhonha fala dos "Cacaieiros", trabalhadores que iam e voltavam para o trabalho na Mata do Mucury, levando um saco ('cacaí') nas costas (...) os agricultores do Vale do Jequitinhonha participaram do trabalho temporário em quase todas as frentes agrícolas de trabalho no Centro-Sul do Brasil nos últimos cinquenta anos: Paraná (1950-70); Mucury (1930-60); Mato Grosso (1950-70); na construção civil (1970) e corte da cana em São Paulo (1980-90). E regressaram, e criaram família, e plantam e colhem conforme aprenderam (RIBEIRO, 1993:28).

BIBLIOGRAFIA

- BOSI, Ecléa.
(1987) *Memória e Sociedade - Lembranças de Velhos*. São Paulo, T.A. Queiroz/Edusp.
- GOFFMAN, Erving.
(1988) *Estigma - notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan.
- HALBWACHS, Maurice.
(1990) *A memória coletiva*. São Paulo, Vértice Revista dos Tribunais.
- MARTINS, José de Souza.
(1988a) "O vôo das andorinhas: migrações temporárias no Brasil". *Não há terra para plantar neste verão. O cerco das terras indígenas e das terras de trabalho no renascimento político do campo*, pp. 43-61. Petrópolis, Vozes.
- MARTINS, José de Souza.
(1988b) "Migrações Temporárias: problema para quem?" *Travessia*, nº 1, maio-agosto, pp. 5-8.
- MARTINS, José de Souza.
(1990) Palestra proferida no I Encontro Nacional sobre Trabalho Sazonal. SPM, (mimeo).
- RIBEIRO, Eduardo.
(1993) "As invenções de migrantes". *Travessia*, nº 17, setembro-dezembro, pp. 27-30.